

O ENSINO DA HABILIDADE ORAL DA LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Laís Teixeira Lima (UENF)

laisbj@gmail.com

Sonia Maria de Fonseca Souza (CUSJI)

sonifon1@hotmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UFRJ/UENF)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo observar e analisar como o ensino da oralidade é trabalhado durante as aulas de língua inglesa nas escolas públicas brasileiras. Esta temática mostra-se relevante, uma vez que diversos estudos prévios apontam para a não utilização de tal habilidade no processo ensino-aprendizagem dos educandos. Fato que necessita atenção devido à importância do ensino da oralidade desse idioma para uma aprendizagem completa da disciplina. Já que, a maior parte dos educandos, que estuda em escolas públicas, não possui acesso a cursos particulares do idioma em questão, necessitando assim, de tal aprendizagem na própria escola. Por ser uma língua universal e obrigatória no currículo escolar, torna-se necessária a aprendizagem desta em sua totalidade, focando em todas as habilidades essenciais para a comunicação; a escrita, leitura, audição e oralidade. Portanto, em busca de dados mais precisos sobre o tema, foi aplicado um questionário a cinquenta e seis alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública. Com a pesquisa foi possível observar que os educandos mostram-se confusos em relação ao que realmente estão estudando durante as aulas de língua inglesa. Fato que, necessita atenção devido à importância do ensino da oralidade desse idioma. Realizaram-se também análises de textos bibliográficos e dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* para confirmar tais observações.

Palavras-chave: Oralidade. Ensino. Língua inglesa.

1. Introdução

Este artigo foca a observação e a reflexão do ensino da língua inglesa nas escolas públicas, que mesmo sendo uma disciplina presente na sala de aula há muitos anos, ainda sofre muitos problemas e preconceitos.

De acordo os *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio* – PCN – (2000), na legislação do Brasil já consta a obrigatoriedade do ensino da língua estrangeira desde a década de 50. Porém, com a falta de educadores capacitados e materiais didáticos eficazes, o ensino dessa disciplina tornou-se monótono, limitando-se apenas a uma aprendizagem que exigia a memorização do aluno e que abordava somente o âmbito gramatical do idioma. Tal fato fez com que os professores não se sentissem motivados a planejar aulas mais dinâmicas e atrativas para os alunos. Conseqüentemente, os educandos também ficavam desmotivados a aprender e a dedicar-se à disciplina.

Embora o ensino de língua estrangeira já tenha sido reestruturado pelos órgãos responsáveis, os prejuízos adquiridos nesta fase de precariedade ainda estão muito presentes nas escolas públicas. O aluno compreende a aula de língua estrangeira como algo desinteressante, ineficaz e sem qualquer finalidade.

A falha perpetrada no passado gerou inúmeras divergências no ensino da língua inglesa, que são encontradas até os dias atuais. O professor da disciplina limita-se a trabalhar, em sala de aula, o ensino da escrita, questões gramaticais, de interpretação de texto e vocabulário, esquecendo-se inteiramente de focar a oralidade do idioma.

Por tais falhas, a sociedade cristalizou certo preconceito no que se diz respeito ao ensino da língua inglesa nas escolas regulares. Por isso, deixam de observar e cobrar a responsabilidade que a escola possui de capacitar os educandos na disciplina em questão. Os alunos, e principalmente os pais, atribuem o ensino eficaz às escolas especializadas, preferindo, assim, o ensino privado, por julgarem ter uma melhor qualidade.

O presente trabalho tem por objetivo analisar as possíveis causas da ineficácia do ensino da oralidade da língua inglesa nas escolas públicas, bem como propor mudanças para um processo de aprendizagem mais eficaz, no qual o aluno poderá sair da escola pública preparado para a comunicação básica nesse idioma.

A análise do desenvolvimento das aulas de língua inglesa das escolas públicas é de extrema importância, já que, diversas vezes, observa-se que a competência oral da língua não é trabalhada pelo educador, o que justifica esta pesquisa. E, com o intuito de embasar o artigo, foram feitas pesquisas de campo, em que alunos do terceiro ano do ensino médio responderam questões que envolvem aspectos de metodologia, atividades propostas em sala de aula e importância das habilidades.

2. A importância da compreensão e produção oral no processo ensino-aprendizagem da língua inglesa

Em um mundo globalizado, a comunicação é um processo de extrema importância, uma vez que indivíduos que residem em lugares distintos e falam diferentes línguas têm a necessidade de comunicar-se. O diálogo entre tais pessoas deve ser intermediado por um idioma em comum, visto que suas línguas maternas não são iguais. Para tal situação, existe uma língua chamada universal ou franca.

De acordo com Harmer (2001, p. 15),

Embora o inglês não seja a língua com maior número de nativos ou língua materna de falantes, ela se tornou uma língua franca. Uma língua franca pode ser definida como uma língua largamente adotada para comunicação entre dois falantes cujas línguas maternas são diferentes uns dos outros ou onde um ou ambos falantes estão usando o inglês como uma segunda língua. (Tradução nossa).

Sabe-se, portanto, que, desde o século XX, o inglês é considerado uma língua franca; em vista disso, é evidente a necessidade de o aluno aprender esse idioma. Devido ao uso da língua inglesa como uma língua universal, a existência da mesma na sociedade é inevitável e constante. Palavras estrangeiras estão frequentemente presentes em diferentes lugares, tais como lojas, informática, músicas e no próprio vocabulário utilizado no discurso diário. A presença de vocábulos desse idioma pode ser observada até mesmo na língua portuguesa, em sua formalidade, já que existem os estrangeirismos.

No sentido de corroborar o acima citado, Consolo (2000, p.61) destaca que

O desejo de falar inglês que extrapola, na verdade, o âmbito da formação de professores, pode ser facilmente entendido também em decorrência das influências culturais estrangeiras na cultura brasileira (desconsiderando-se, aqui, julgamentos de valor sobre essas influências), da propaganda e dos efeitos da globalização, devido às necessidades impostas pelo mercado de trabalho.

Juntamente com o aprendizado da língua universal, agrega-se parte da cultura e de hábitos norte-americanos e ingleses no cotidiano dos indivíduos que não estão inseridos nesse meio. É clara a existência de hábitos oriundos destas regiões – principalmente Estados Unidos, Inglaterra e Canadá –, os quais vão desde alimentação até estilos de vestuário, que se uniram aos costumes brasileiros e hoje podem ser considerados

parte deles. Diante de tais novidades, a vontade de aprender a língua inglesa torna-se mais atrativa e é mais evidente, sobretudo, entre os jovens.

Para Consolo (2000), outra questão relevante para o aprendizado da língua inglesa é a necessidade imposta pelo mercado de trabalho de exigir de seus funcionários a fluência de dois idiomas, sendo o inglês o mais solicitado.

Com uma visão diferente, Moita Lopes (1996) sugere que a necessidade de aprender a língua inglesa refere-se a valores sociais e de prestígio. Segundo o autor, a pessoa que conhece essa língua destaca-se no meio social onde vive. O indivíduo que desconhece o uso desse idioma não está inserido na classe das pessoas cultas de sua sociedade, ele não é alguém que apresenta um merecimento de *status*. Algumas vezes, esses indivíduos "desprestigiados" são excluídos, podendo ser esta exclusão sutil ou outras vezes visível.

De acordo com Moita Lopes (1996, p. 128),

A necessidade do inglês surge, em parte, de valores sociais e de prestígio como também de um desejo de imitar modelos culturais britânicos e americanos. O conhecimento de uma língua estrangeira é visto como quase sinônimo de desenvolvimento profissional e social, uma realização elegante e um símbolo de *status* social.

Outro ponto abordado pelo autor está relacionado ao fato de muitas pessoas tentarem inserir em seu cotidiano hábitos norte-americanos. Dessa forma, tal fato não pode ser considerado um acréscimo cultural, mas sim uma tentativa de imitar os costumes presentes em sociedades que utilizam o inglês como idioma. Assim, a inserção desses costumes é, mais uma vez, vista como fonte de *status* social privilegiado.

2.1. O ensino das quatro habilidades para uma aprendizagem mais eficaz

A língua inglesa é oferecida por escolas públicas, porém não em sua totalidade. Sabe-se que o ensino desse idioma na sala de aula é um processo complexo, que envolve quatro habilidades: *Reading* (ler), *Writing* (escrever), *Listening* (ouvir) e *Speaking* (falar). Tais processos de aprendizagem devem ser desenvolvidos de maneira equilibrada, pois, para uma aprendizagem efetiva da língua, é essencial que o educando compreenda todas essas habilidades.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Harmer (1998, p. 210) ressalta que "não é suficiente dizer aos alunos para lerem muito; nós temos que oferecer a eles programas que incluam materiais apropriados: orientações, tarefas, e facilidades tais como biblioteca permanente ou portátil" (Tradução nossa).

O *Reading* (leitura) consiste em o aluno desenvolver a capacidade não somente da leitura, mas também de compreender o que foi escrito, observar aspectos gramaticais, compreender estruturas da gramática presentes em diferentes estilos textuais. Os textos que devem ser trabalhados com os educandos precisam ser de gêneros textuais distintos, para que o discente adapte-se a diversos contextos.

Como segunda habilidade, destaca-se o *Writing*, que se centra na capacidade de escrever textos, sendo neste eixo que o aluno aprenderá a expor por escrito suas ideias. O educando deverá, ainda, observar questões de coesão e coerência em seus textos e estabelecer estruturas adequadas para cada tipo de ocasião. É função do educando compreender como equilibrar todos esses pontos para a eficiência de sua escrita.

A terceira habilidade é o *Listening*, em que o discente necessita compreender o que ouve, sendo, porém, uma de suas maiores dificuldades – como também de seus professores –, já que não possuem contato com a língua diariamente.

Desse modo, Harmer (1998, p. 228) corrobora que

O *Listening* é especialmente importante desde que forneça a oportunidade perfeita de ouvir outras vozes além da do professor, permita que os alunos adquiram bons hábitos de fala como resultado do inglês falado que eles absorveram, e ajude a aprimorar suas próprias pronúncias. (Tradução nossa)

Muitas vezes, o *Listening* é algo distante da realidade dos alunos, por não possuírem um contato maior com o inglês. Os docentes, além de utilizarem esta técnica em sala de aula, devem incentivar os alunos a pesquisarem e buscarem desenvolver esta habilidade por meios próprios. Para que esse processo desenvolva-se efetivamente, é necessário haver disponibilidade de alunos e professores.

Por fim, tem-se o *Speaking*, a habilidade que focamos neste artigo. É nesse ponto que o aluno compreenderá como falar de forma eficiente. A importância de todas as outras habilidades deve ser considerada, porém essa necessita de um pouco mais de atenção, já que é essencial para a comunicação entre falantes e pouco acontece no ensino nas escolas públicas.

No *Speaking*, o educando desenvolverá a fala e compreenderá não somente o uso da gramática na oralidade, mas principalmente, aspectos linguísticos do idioma e características próprias deste.

Assim, o discente deverá pensar em utilizar o que aprendeu previamente para que consiga estabelecer uma comunicação com outro falante. Ele deve observar a situação e optar pelo melhor discurso, aquele que se adeque ao contexto; se é a formalidade, a necessidade de utilizar a gramática em sua essência, ou a informalidade, se o uso de gírias é apropriado para o momento. Enfim, cabe ao aluno observar o meio, o interlocutor com o qual estabelecerá a comunicação e o ambiente que o cerca. O educando deve saber como se comportar e se comunicar em situações reais de uso da língua inglesa. Dá-se o nome a tal processo de proficiência oral.

Dessa maneira, o discente deve ser motivado a vivenciar situações próximas às ocorrências cotidianas, para que compreenda como atuar e administrar situações efetivas de comunicação. Nesse contexto, o professor deve utilizar técnicas e expressões que facilitem a aprendizagem dos alunos. Assim, o educando precisa de ter contato com a língua em questão, por isso o docente deve utilizá-la em sala de aula – mesmo que tal uso não seja durante todo o tempo – a fim de oferecer tal oportunidade aos alunos. Deve-se explicar a gramática utilizando a própria língua inglesa, além de elucidar tarefas e estabelecer comunicações cotidianas entre aluno/professor e aluno/aluno.

2.2. O desenvolvimento da oralidade à luz dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* – PCN

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (2000) é um documento que tem por objetivo apoiar e auxiliar o professor em sua vivência na sala de aula. Neles, são expostos diferentes aspectos que os educadores deveriam embasar-se para um ensino mais equilibrado das disciplinas. Visa, ainda, auxiliar o docente, através de reflexões, durante a elaboração de planos de aula, projetos, seleção de materiais e recursos tecnológicos. Nos PCN, estão os objetivos e justificativas do ensino das disciplinas, tais como os de inglês.

O ensino de uma língua estrangeira na escola pública é obrigatório, regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96 (LDB). De acordo com a LDB (*apud* BRASIL, 1998, p. 19),

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A aprendizagem de uma língua estrangeira, juntamente com a língua materna, é um direito de todo cidadão, conforme expresso na Lei de Diretrizes e Bases e na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, publicada pelo Centro Internacional Escarré para Minorias Étnicas e Nações (CIEMEN) e pelo PEN-Club Internacional. Sendo assim, a escola não pode mais se omitir em relação a essa aprendizagem.

No entanto, segundo os próprios PCN, apesar de ser um direito dos educandos, o ensino da língua estrangeira, por inúmeros motivos, torna-se algo irrelevante para os mesmos. Assim, alunos e professores desmotivam-se a aprender e ensinar essa disciplina. Esse problema, muitas vezes, ocorre pelo pouco tempo de aula disponível nas escolas públicas, já que em algumas regiões a existência de aulas de língua estrangeira é mínima, ou até mesmo inexistente. A língua estrangeira é vista como uma disciplina de segundo plano, sendo considerada, em algumas situações, menos importante que outras matérias escolares.

Em consonância com os PCN (1998, p. 24),

A primeira observação a ser feita é que o ensino de língua estrangeira não é visto como elemento importante na formação do aluno, como um direito que lhe deve ser assegurado. Ao contrário, frequentemente, essa disciplina não tem lugar privilegiado no currículo, sendo ministrada, em algumas regiões, em apenas uma ou duas séries do ensino fundamental.

Além do tempo reduzido, existem outros fatores que influenciam o desinteresse dos educandos e professores, e que ainda prejudicam o aprendizado dos alunos. Na maioria das escolas públicas, a condição da sala de aula é inadequada para o desenvolvimento satisfatório do conteúdo. Em grande parte delas, as salas de aula são superlotadas, possuindo, em alguns casos, mais de quarenta alunos por turma. Assim, torna-se necessário que o professor auxilie todos os estudantes. Diante dessa realidade, é improvável que educadores e alunos possuam o material didático adequado para o ensino da língua estrangeira, deixando a aprendizagem defasada, pois, perante essa situação, o trabalho especificamente com cada aluno torna-se muito difícil.

Dessa maneira, os PCN (1998, p. 21) abordam que

Deve-se considerar também o fato de que as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido a giz e livro didático etc.) podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas. Assim, o foco na leitura pode ser justificado pela função social das línguas estrangeiras no país e também pelos objetivos realizáveis tendo em vista as condições existentes.

A falta de conhecimento do professor da língua inglesa pode ser um fator importante para a defasagem do ensino das turmas. Muitas vezes, o docente não teve uma formação apropriada e conseqüentemente não domina as quatro habilidades da disciplina em questão. O pouco domínio da oralidade por parte dos educadores pode tornar o ensino das quatro habilidades improvável. Por tal motivo, o docente não consegue expor as matérias de forma clara e interessante para os educandos.

No âmbito da oralidade, os PCN destacam que

[...] considerar o desenvolvimento de habilidades orais como central no ensino de língua estrangeira no Brasil não leva em conta o critério de relevância social para a sua aprendizagem. Com exceção da situação específica de algumas regiões turísticas ou de algumas comunidades plurilíngues, o uso de uma língua estrangeira parece estar, em geral, mais vinculado à leitura e literatura técnica ou de lazer.

É possível analisar que o ensino da língua estrangeira não é observado em sua totalidade pelo PCN, pois eles evidenciam como prioridade no ensino somente duas habilidades, a leitura e a escrita. Ainda afirmam que o ensino da competência oral não é visto como necessidade central no Brasil devido à sua relevância social.

Os PCN ainda argumentam que

Os únicos exames formais em língua estrangeira (vestibular e admissão a cursos de pós-graduação) requerem o domínio da habilidade de leitura. Portanto, a leitura atende, por um lado, às necessidades da educação formal, e, por outro, é a habilidade que o aluno pode usar em seu contexto social imediato (PCN, 1998, p. 24).

Para os PCN de língua estrangeira (1998, p. 21), "o foco da aprendizagem da língua deve ser a habilidade da leitura". Porém, logo abaixo diz que a questão central do documento é "dar acesso a todos a uma educação linguística de qualidade". As afirmações tornam-se contraditórias quando o texto é observado de maneira mais aprofundada, uma vez que se o aluno possui o direito de uma educação linguística de qualidade, é necessário que ele compreenda as quatro habilidades da língua estrangeira, para sentir-se seguro e desenvolver suas capacidades linguísticas. Focar apenas na leitura e não incluir a fala no currículo tornará a educação linguística bem improvável.

Outro ponto claro que ocorre no ensino de língua estrangeira na escola pública é a maneira que a disciplina é trabalhada. O educador aborda os temas de maneira descontextualizada, a preocupação está em expor a gramática e fazer com que os alunos memorizem o conteúdo sem

que aquilo faça sentido para eles. A gramática geralmente não é aplicada em situações reais de conversação, que mostrem aos alunos de maneira concreta o uso desse conteúdo.

A maioria das propostas situam-se na abordagem comunicativa de ensino de línguas, mas os exercícios propostos, em geral, exploram pontos ou estruturas gramaticais descontextualizados. A concepção de avaliação, no entanto, contempla aspectos formativos que parecem adequados (PCN, 1998, p. 24).

Portanto, é necessário observar a oralidade como fator essencial para o processo ensino-aprendizagem da língua estrangeira. Os PCN se mostram preocupados em desenvolver uma aula de língua estrangeira significativa, porém a oralidade durante as aulas não é observada como algo imprescindível para a aquisição das habilidades linguísticas.

3. *Materiais e métodos*

Com a finalidade de refletir sobre o uso da oralidade da língua inglesa na sala de aula da escola pública, foi desenvolvida uma pesquisa de campo, que objetiva compreender como as aulas de língua inglesa são vistas pelos alunos. O questionário foi essencial para uma análise mais real de como a disciplina de inglês vem sendo ministrada na sala de aula. Foi possível observar pontos de vista dos alunos em relação ao ensino, aprendizagem, metodologia e interesses.

Segundo Kauark Manhães e Medeiros (2010, p. 58),

O questionário, numa pesquisa, é um instrumento ou programa de coleta de dados. A confecção é feita pelo pesquisador; o preenchimento é realizado pelo informante. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta para que o interrogado compreenda com clareza o que está sendo perguntado.

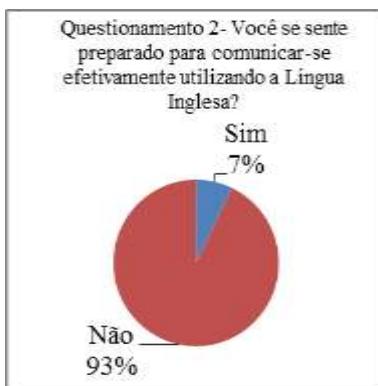
Para tal resultado, foi aplicado um questionário com seis questões, sendo cinco fechadas e uma aberta. Ele foi respondido por cinquenta e seis alunos do terceiro ano do ensino médio, de uma escola estadual do município de Bom Jesus do Itabapoana, estado do Rio de Janeiro.

Como primeira pergunta, foi questionado se o professor de língua inglesa trabalha a linguagem oral em sala de aula. Como resposta, 69% dos alunos confirmaram o uso da oralidade nas aulas e 31% disseram que o educador não a utiliza. Portanto, de acordo com a maioria dos estudantes, o *Speaking* é utilizado no decorrer da aula. Dado satisfatório, já que desenvolver esta habilidade é algo fundamental para o ensino da disciplina em questão.



O segundo questionamento indagava dos educandos se eles sentiam-se preparados para comunicarem-se utilizando a língua inglesa. Assim, 93% responderam não conseguir fazer esse uso; 7% afirmaram possuir tal habilidade. É alarmante o número de alunos que não conseguem estabelecer comunicação utilizando o inglês, sendo perceptível que eles sentem-se inseguros para desenvolver a conversação. No decorrer da pesquisa, foi possível observar que a porcentagem que se sente preparada para a comunicação oral são discentes que estudam em cursos particulares.

Percebe-se, no entanto, certa contradição nas respostas dos educandos, pois na pergunta anterior eles afirmam que o *Speaking* é trabalhado na sala de aula e, nesta, demonstram-se incapazes de utilizar o *Speaking*.

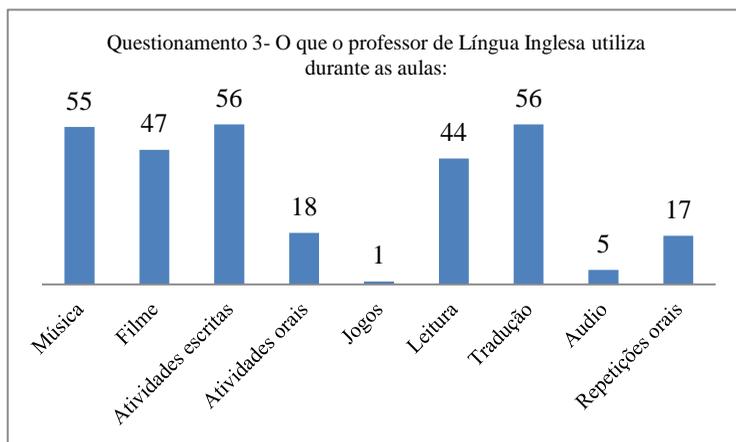


No terceiro questionamento, foi pedido para que indicassem o que o professor de língua inglesa utiliza em sala de aula. Dessa maneira, 98% dos estudantes afirmam que o educador utiliza música como metodologia de ensino, o que é metodologicamente correto, já que ela desenvolve diferentes habilidades na mesma atividade, tais como a ampliação do vocabulário, *Writing*, *Listening* e *Reading*.

É importante destacar que 83% dos entrevistados afirmam que o professor utiliza filmes durante as aulas, metodologia interessante, pois desenvolve a audição dos alunos para a língua inglesa. Sabe-se que os educandos não possuem contato com o idioma em questão em sua sociedade, por isso é importante levá-los a desenvolver a habilidade do *Listening* durante o período que estão em sala de aula.

Constatou-se, também, que 100% dos discentes relataram que o professor utiliza atividades escritas em suas aulas; 100% afirmam ainda que o educador utiliza tradução. Observa-se, então, a unanimidade nas respostas dos alunos que certificam o uso do *Writing*.

Por conseguinte, 1% diz que o professor utiliza jogos durante as aulas. Outros 78% afirmam que a leitura é utilizada nas aulas e 8% confirmam que o professor utiliza o áudio, desenvolvendo respectivamente o *Reading* e o *Listening*.



Segundo 32% dos alunos, o docente realiza atividades orais; 30% afirmam que o professor faz repetições orais. Esses dados indicam que o uso da oralidade na sala de aula não é trabalhado como deveria. O educa-

dor foca nas habilidades de *Reading* e *Writing* e deixa de promover atividades que desenvolvam o *Speaking* dos alunos. Nesse questionamento, os discentes contradizem-se totalmente, já que, na primeira pergunta, afirmam que a oralidade é utilizada durante as aulas e, neste ponto da pesquisa, apenas cerca de 30% dos discentes indicam que a oralidade tem sido trabalhada.

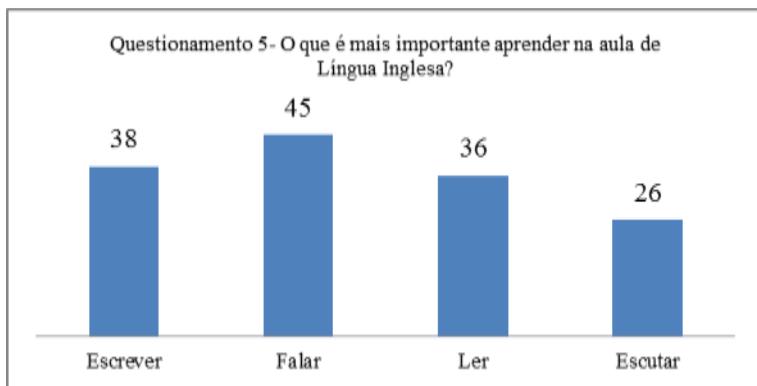
Como quarto questionamento, foi perguntado se o aluno gosta da didática apresentada pelo professor de língua inglesa e obteve-se o seguinte resultado: 86% afirmam que gostam da didática; 14% dizem não gostar. Isso demonstra que o educador desenvolve uma metodologia que desperta o interesse dos alunos.



Como quinta pergunta, foi questionado quais as habilidades mais importantes para aprender na aula de língua inglesa, de acordo com a opinião dos próprios alunos. Dessa maneira, 46% relataram que o *Listening* é importante, 64% destacaram a importância de aprender o *Reading*, 67% afirmaram que é necessário desenvolver o *Writing* e 80% asseguraram que o *Speaking* é uma habilidade importante. Os alunos compreendem a necessidade de aprender a linguagem oral do inglês, porém ainda demonstram-se perdidos em relação às aulas de língua inglesa.

Os alunos percebem a necessidade de aprender falar o idioma, porém, não conseguem compreender como a aula está sendo desenvolvida. Ao mesmo tempo em que, no primeiro questionamento, 69% dos alunos dizem que a linguagem oral é utilizada nas aulas, mais à frente, na quarta questão, somente 30% afirmam que o professor utiliza atividades orais durante as aulas. Observa-se claramente nesta pesquisa que os discentes mostram-se perdidos em relação às aulas de língua estrangeira. Muitas

vezes, eles não entendem o objetivo e o foco da aula de língua estrangeira.



Como questionamento aberto, foi perguntado se o aluno gostaria de fazer alguma consideração final sobre as aulas de língua inglesa, e foi possível observar respostas como:

Acredito que elas não nos preparam para uma plena comunicação. Creio que o inglês deveria estar no currículo mais cedo e com mais intensidade pois o conhecimento adquirido pelas aulas não é o suficiente (Informante 1)

A aula é boa, pode melhorar usando mais conteúdo de áudio e repetições orais. (Informante 2)

As aulas são muito boas, mas o conteúdo e o tempo são curtos. (Informante 3)

As aulas de língua inglesa nos ajudam muito porém sua carga horária não é suficiente para que nós fiquemos seguros quanto a língua"(Informante 4)

Gostaria que as aulas nos ensinassem mais na parte oral, pois aprendemos gramática e traduções de texto e não aprendemos a pronunciar palavras.

Duas aulas por semana é muito pouco. (Informante 5)

Gosto muito das aulas de inglês, pois eu tenho curso, então me identifico com as aulas. (Informante 6)

Com as respostas dos alunos, foi possível observar que eles esperam mais das aulas de língua estrangeira e apontam algumas possíveis causas para a sua defasagem. A maioria dos estudantes aponta a pequena carga horária atribuída à disciplina nas escolas públicas como principal causa da ineficiência do ensino de língua estrangeira.

Eles ainda destacam que a aula de língua inglesa é muito importante e interessante, porém, deveria melhorar no âmbito oral, uma vez que sentem a necessidade de aprender a falar o inglês, sendo que esta necessidade não é suprida durante as aulas.

Portanto, são necessárias alterações nas aulas de língua estrangeira, visto que os próprios alunos apontam deficiências no ensino dessa disciplina.

4. Um breve comentário sobre o ensino da língua inglesa no Brasil

Diante dos fatos avaliados neste artigo, deve ser feita uma observação de como o ensino de língua inglesa está presente na sala de aula das escolas públicas brasileiras.

Graddol (2009) avaliou, durante uma entrevista, que o ensino do inglês em escolas brasileiras está muitas décadas atrasado em relação a outras nações; e ainda sugere que o Brasil aproveite os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo para tentar “correr atrás do prejuízo”. O autor faz um alerta significativo quanto ao processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa das escolas do Brasil, mostrando que, para um ensino de qualidade da língua estrangeira, é necessário ir além.

Frente a essa afirmação, deve ser levantado o questionamento sobre o motivo desse atraso tão significativo. Seria possível identificar a causa de tal problema? Apesar de inúmeros métodos e oportunidades a que os alunos deveriam ter acesso, o ensino da língua inglesa não vem sendo explorado em sua essência. Professores caíram na rotina e esqueceram-se de oferecer diferentes oportunidades para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

Segundo Nicholls (2001, p. 74),

A realidade do ensino de inglês nas escolas impede que o aluno adquira a competência satisfatória desejada. As amostras de inglês a que os alunos estão expostos no desenvolvimento de suas habilidades orais resumem-se geralmente à fala do professor na sala de aula, ao eventual material auditivo, como a fita cassete, o vídeo, o filme e a música e, embora inadequada, devido à condição de aprendizes, a fala de seus pares. Por isso, a questão do domínio das habilidades orais como resultado da aprendizagem na escola é bastante controversa.

Nicholls (2001) evidencia um problema consideravelmente presente nas aulas de língua inglesa. Pela pouca carga horária da disciplina,

o educando sofre uma defasagem em seu aprendizado, já que tem o contato com o idioma somente duas horas por semana, na escola. Assim, fica preso somente àquele vocabulário de sala de aula, que o professor, algumas vezes, tenta expandir através de filmes, músicas e CDs, mas que mesmo assim é insuficiente. Essa condição deixa o discente restrito ao aprendizado interno que, na maioria das vezes, é muito pequeno.

Segundo Paiva (2005, p. 150-1), existe outra questão a ser analisada, a formação do professor e a posição do poder em relação ao ensino da língua inglesa.

Se, por um lado, podemos culpar o professor por não dar ao aprendiz um ensino de qualidade, por outro, não podemos deixar de ver ambos como vítimas das relações de poder. O professor mal formado é ele próprio vítima de sua situação econômica, vítima de um contexto desfavorável que não lhe dá acesso a falantes ou a tecnologias que possam compensar essa ausência de contato com uma comunidade prática em língua estrangeira. Sem o domínio de sua ferramenta básica, fica difícil a qualquer pessoa exercer sua profissão com competência.

De acordo com a autora, um dos problemas da questão da má formação do professor está relacionado aos profissionais que não dominam o que expõem, o que comprometerá a qualidade de sua prática docente. Ela ainda afirma que a defasagem na formação não se dá somente pelo educador, mas, principalmente, pelo sistema de poder, que muitas vezes não investe na formação do docente e não lhes oferece boas condições de trabalho. Nesse caso, o professor – assim como o aluno – é vítima da falta de recursos.

Assim, Miccoli (2007, p. 56) acrescenta que

A dificuldade de se trabalhar com as quatro habilidades é uma experiência comum aos professores, que não conseguem principalmente implementar atividades para desenvolver atividades para o desenvolvimento das habilidades de escuta e fala adequadas ao número de alunos em sala de aula.

O número exacerbado de alunos em uma sala de aula é uma questão importante a ser observada. Em escolas públicas, o professor não consegue fazer o uso de técnicas de ensino, tais como o *Listening* e *Speaking*, já que as salas de aula estão com um grande número de educandos, deixando, muitas vezes, de oferecer as oportunidades necessárias para que eles capacitem-se na língua inglesa.

5. *Considerações finais*

Durante a discussão de dados proposta por este artigo, e após a análise do questionário aplicado a alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública, notou-se a necessidade de se questionar o porquê da não utilização da oralidade da língua inglesa durante as aulas de língua estrangeira.

No decorrer da pesquisa, observa-se que o ensino da linguagem oral durante as aulas de língua estrangeira é de extrema importância, uma vez que a maioria dos alunos que frequentam a rede pública não possui a oportunidade de estudar em cursos particulares especializados. Essa habilidade deve ser oferecida pelo professor no decorrer das aulas, pois é direito dos educandos desenvolver uma formação linguística de qualidade.

Outro ponto analisado foi a visão dos PCN em relação ao ensino da oralidade. O documento em questão não prioriza o desenvolvimento da fala da língua estrangeira. Observa-se como primazia o ensino da escrita e da leitura, já que as avaliações institucionais abordam somente tais âmbitos linguísticos. Nota-se, portanto, a necessidade de uma modificação urgente na visão desse documento no que diz respeito ao tema em questão, para proporcionar melhor ensino aos discentes.

Com a pesquisa realizada em campo, ainda foi possível identificar que os alunos não compreendem o que realmente estão estudando nas aulas de língua inglesa. Eles sabem da importância de aprender a oralidade da língua estrangeira, porém não conseguem observar sua utilização na sala de aula.

Diante de tais fatos, é possível observar que o ensino da língua inglesa no Brasil, e principalmente o ensino da oralidade desse idioma, ainda precisam ser reavaliados nas escolas públicas. Somente assim os educandos poderão ter acesso a uma aprendizagem mais completa e eficaz das quatro habilidades linguísticas da língua estrangeira, *Listening, Reading, Writing e Speaking*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLWRIGHT, D.; BAILEY, K. M. *Focus on the Language Classroom*. Cambridge: EVP, 1991.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Compreensão de linguagem oral no ensino de língua estrangeira. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, ano 1, vol. 1, p. 19-38. Brasília: UnB, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*, Brasília, 2000.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais* terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua estrangeira, Brasília, 1998.

CALGARO F. “*Melhores professores de inglês não são britânicos nem americanos*”, diz linguista. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/Noticias/Vestibular>>. Acesso em: 06-08-2013.

CONSOLO, D. A. Revendo a oralidade no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. *Revista de Estudos Universitárias* (Sorocaba), Sorocaba – SP, v. 26, n. 1, p. 59-68, 2000.

HAMER, J. *How to Teach English*. 3. ed. England: Longman, 1998.

HATCH, E. *Discourse Analysis and Language Education*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

KAUARK, Fabiana da Silva; MAGALHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. *Metodologia da pesquisa: guia prático*. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KRASHEN, S. D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Disponível em:

<http://www.sdkrashen.com/Principles_and_Practice/Principles_and_Practice.pdf>. Acesso em: 08-09-2013.

LAZARATON, A. *Teaching Oral Skills*. Disponível em:

<<http://getyourreadings.wikispaces.com/file/view/Lazaraton+oral+skills.pdf>>. Acesso em: 15-06-2013.

MICCOLI, L. Experiências de professores no ensino de língua inglesa: uma categorização com implicações para o ensino e a pesquisa. *Linguagem & Ensino*, v. 10, n. 1, p. 47-86, jan./jul.2007. Belo Horizonte: UFMG. Disponível em:

<<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/viewFile/155/122>>.

Acesso em: 13-10-2013.

MOITA-LOPES, L. P. *Oficina de linguística aplicada*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

NICHOLLS, Susan Mary. *Aspectos pedagógicos e metodológicos do ensino de inglês*. Maceió: Edufal, 2001.

PAIVA, V. L. M. O. *Autonomia e complexidade: uma análise de narrativas de aprendizagem*. Campinas: Pontes; São Paulo: ALAB, 2005.

Anexo I

Questionário proposto para alunos do terceiro ano do ensino médio.

1- O professor de língua inglesa trabalha a oralidade na sala de aula?

Sim Não

2- Você se sente preparado para comunicar-se utilizando a língua inglesa?

Sim Não

3- O que o professor de língua inglesa utiliza na sala de aula?

Músicas Filmes Atividades Escritas
 Atividades Orais Jogos Leitura
 Tradução de textos Áudio Repetições Orais

4- Você gosta da didática apresentada pelo professor de língua inglesa?

Sim Não

5- O que é mais importante aprender na aula de língua inglesa?

Escrever Ler Falar Ouvir

6- Gostaria de fazer alguma consideração sobre a aula de língua inglesa?
